

YANA ANDREEVA

O TEMPO E O ESPAÇO NA OBRA DIARÍSTICA DE MARCELLO DUARTE MATHIAS

Não, não sou eu que esgoto o tempo, é ele que se perde dentro de mim. Não sou eu que recordo os sítios, são eles os únicos a realmente subsistir e reviver – não é a memória, afinal, a aprendizagem do invisível?
Marcello Duarte Mathias, *No Devagar Depressa dos Tempos*¹

No decurso dos últimos trinta anos observa-se na produção dos escritores portugueses uma sintomática proliferação da escrita diarística². Acompanhando um surto considerável da literatura de carácter autobiográfico em geral e das suas consequentes abordagens teórico-críticas, o diário, e em particular o diário de escritor, vem não só a questionar dia-a-dia a relação do sujeito criador com o tempo, com o espaço circundante e consigo próprio, mas também a problematizar de maneira insistente a própria escrita quanto à sua inscrição no tempo e no espaço individual e colectivo. O registo laborioso e obstinado da realidade em termos de sucessão e de localização, que o diarista empreende, foge com frequência ao efémero individual para tornar-se sinal de um discurso mais amplo. Conjugando o repertório informativo com a auto-reflexão e a atitude metaliterária, o diário de escritor chega a constituir-se muitas vezes num metatexto de autoridade, a cuja luz pode ser revisto o conjunto de uma obra. Como têm demonstrado os estudiosos do género (cf. Didier, 1991; Rousset, 1986; Dolfi, 1988), no texto diarístico coexistem, por um lado, um discurso marcadamente subjectivo, a captar com perseverante regularidade o instantâneo e a testemunhar um exercício de introspecção, habitual ao género, e, por outro, breves narrativas com um mínimo de personagens e eventos temporal e espacialmente definidos, que representando

¹ MATHIAS, Marcello Duarte, *No Devagar Depressa dos Tempos, Notas de Um Diário (1962–1969)*, Lisboa, Bertrand 1980, p. 81.

² Podem ser referidos, seguindo a ordem da sua publicação, os diários de João Palma-Ferreira, Natália Correia, Vergílio Ferreira, Marcello Duarte Mathias, Fernando Aires, Luísa Dacosta, José Saramago, Vasco Graça-Moura, Armando Baptista-Bastos.

o registo fragmentado de parcelas de história muito reduzidas asseguram em certa medida a organização do diário enquanto narrativa. Organicamente ligada à definição/indefinição temporal e espacial da escrita diarística, surge com significativa frequência a problematização da temporalidade e da circunscrição espacial do indivíduo. Na tentativa insistente, periódica e disciplinadamente reatada de registar a passagem do diarista pelo mundo, o diário tematiza obsessivamente o tempo, enquanto percurso, época, duração e apropriação de experiências, e o espaço, que muitas vezes surge dimensionado como espaço de fundação, de referência ou de simples passagem. Seguindo os meandros tortuosos dos trajectos temporais e espaciais, fixados pelo diarista na sua actividade rotineira de registar o vivido, o diário recorre actualmente a uma escrita plurissignificativa e multimoda, que sem inibição avança transgressivamente no terreno genérico da autobiografia, das memórias e do ensaio.

O diplomata, ensaísta e escritor Marcello Duarte Mathias (n. 1938) tem-se afirmado nas últimas décadas como um caso singular entre aqueles autores, cuja produção hoje configura o melhor do panorama do género diarístico em Portugal. Desde o ano de 1980 Duarte Mathias tem vindo a publicar os vários volumes do seu diário sob uma epígrafe extraída das *Terceiras Estórias* de João Guimarães Rosa: “no devagar depressa dos tempos”. Ao primeiro livro, *No Devagar Depressa dos Tempos. Notas de um Diário (1962–1969)*, acrescentaram-se mais recentemente *Diário da Índia (1993–97)*, publicado em 2004, e *Diário de Paris (2001–2003)*, lançado em 2006³. Testemunhando uma erudita pluralidade de registos e de temas, que afloram nas anotações sobre pintura, teatro, música, cinema e literatura, nos comentários pessoais ou acerca do trabalho do diplomata e do escritor, nas esclarecidas análises políticas e culturais, nos relatos de viagens e nas descrições paisagísticas de marcado teor lírico, a escrita diarística de Duarte Mathias move-se persistentemente em torno da problematização da condição do homem, sujeito às contingências do tempo, do espaço, da sociedade, dos afectos e desafectos que lhe são destinados. A singularidade da sua obra vê-se reforçada pelo facto de que além de oferecer uma profunda reflexão metadiarística nos três livros referidos, Duarte Mathias é ainda autor de uma série de textos ensaísticos, que se por um lado se revelam como um importante contributo para o estudo crítico e teórico do género em Portugal, por outro reformulam e alargam a meditação sobre o diário que os próprios diários do escritor efectuam paralelamente⁴.

De início, é preciso notar que os três livros que aqui abordamos e que configuram, como ficou assinalado, uma série, apresentam uma estrutura análoga. Os três textos constróem-se como sucessão de fragmentos de extensão variada que obedecem a uma ordenação cronológica, pois a maioria das entradas diarísticas são datadas com precisão. É de salientar que no primeiro livro há vários fragmentos bastante desenvolvidos que prescindem ostensivamente da datação, alguns

³ Está anunciada a saída de mais um volume do seu diário, o relativo aos anos de 1970–1993.

⁴ Cabe aqui a referência aos ensaios publicados inicialmente em *Jornal de Letras e Colóquio/Letras* e depois no livro *A Memória dos Outros* (2001). Ver Bibliografia final.

deles até explicitando o “sem data”, e são os fragmentos dedicados ao suicídio, à retrospectiva autobiográfica da infância e da juventude, à alma e à mentalidade portuguesa. A transgressão da “lei do calendário”, que Jean Rousset formula como marca genericamente distintiva do diário (cf. Rousset, 1986: 159), funciona aqui como indício da transgressão genérica operada, pois é precisamente nestes longos fragmentos, cada um dos quais se apresenta por sua vez internamente fragmentado, que se evidencia a latente propensão ensaística e autobiográfica do texto diarístico de Mathias.

Cabe observar ainda que o segundo e o terceiro volumes do diário mantêm a estrutura parcelada, usual do género, embora apareça neles uma espécie de moldura que enquadra a sucessão dos fragmentos e que se compõe pelos prefácios e posfácios⁵. Merecem uma atenção especial os textos integrados no *Diário da Índia* pois explicitam as profundas contradições que a actividade diarística acolhe em si. O Prefácio do *Diário da Índia*, localizado em Abuxarda e datado de Janeiro de 2004, comenta, entre outros assuntos, a maneira intervalada de o escritor redigir o seu diário, rabiscando as notas primeiro, passando-as dias depois para o computador, sendo elas “então buriladas, revistas, acaso reescritas”⁶, o que se por um lado evidentemente contradiz o carácter de espontaneidade do diário (cfr. Rousset, 1986: 157), por outro respeita dentro do possível o mínimo distanciamento entre o tempo da escrita e o tempo do evento (cf. idem: 163). O Prefácio ainda confirma essa complicada relação entre o tempo do evento, a dictar a ordem de apresentação dos factos no diário, e o tempo da enunciação, que é posto em cena através das inscrições cronológicas que presidem as entradas diarísticas, através da explicitação da distância temporal e valorativa que separa o *eu* que assina o Prefácio e o *eu* que inventaria o tempo nos fragmentos: “muitos destes instantâneos do olhar não coincidem hoje com os comentários ou observações que sobre eles escreveria se, porventura, voltasse a fazê-lo. As verdades sucessivas, porém, são próprias da prática diarística, e não há que lamentá-lo.”⁷

O texto isolado que fecha o *Diário da Índia* tem por título *Georgina* e toma como pretexto a evocação de uma senhora inglesa, desaparecida há mais de um século num naufrágio e cuja memória merecera ficar gravada numa placa na Igreja de Cristo que o autor visitou em Colombo. Esse texto à maneira de posfácio parece resumir todas as preocupações e frustrações do diarista, na sua maioria centradas na percepção do curso do tempo, ora vertiginoso e fugidio, ora dilatado e demorado como em câmara lenta, o que impede a sua fixação precisa e definitiva. A “memória à deriva”⁸ surge para operar a transcrição do tempo no diá-

⁵ No *Diário da Índia* ambos são da autoria de Marcello Duarte Mathias. No *Diário de Paris* o Prefácio é assinado por Paula Morão e o texto que serve de posfácio, *Paris ontem e hoje*, baseia-se, segundo a afirmação do autor, nas notas da sua charla no Círculo Português de Paris, a 15 de Maio de 2002.

⁶ MATHIAS, Marcello Duarte, *Diário da Índia*, Alges, Gótica 2004, p. 14.

⁷ Ibidem.

⁸ MATHIAS, Marcello Duarte, *Diário da Índia*, Alges, Gótica 2004, p. 416.

rio e assim a relativizá-lo. Sempre selectiva, como o afirma Mathias, a memória é saudade, reinvenção e aprendizagem. A metáfora do rio Varanasi, contida no texto com que finaliza o *Diário da Índia*, insinua-se como sugestão do profundo sentido ontológico que a actividade diarística cifra em si no entender do autor. O Varanasi acolhe no vaivém das suas ondas as cinzas dos mortos, de acordo com os ritos funerários do povo hindu, e ao levar a morte, leva, por adição, a vida, sendo a morte e a vida noções que nas crenças da Índia se articulam e completam num todo: “Rio acima, rio abaixo, Varanasi, jangada do tempo, é também memória à deriva”⁹.

Tal relativização do tempo através da memória parece-nos reforçada pelos tempos gramaticais utilizados que conjugam o presente da confiança e da auto-análise, o passado da lembrança e da narração e inclusive um ou outro futuro. Tudo isso num duplo movimento de dispersão e concentração, a testemunhar uma realidade poliédrica que se revela como presença dentro de um tempo diverso do tempo apenas sincrónica ou diacronicamente encarado. Esse tempo total, caleidoscópico, que no diário muda e simultaneamente permanece graças ao esforço de quem pretende fixá-lo, é a verdadeira matéria dos livros diarísticos de Marcello Duarte Mathias, pois escrever um diário, para o escritor, é “contrariar o tempo, conquistá-lo, anulá-lo, e, por via dessa complicada alquimia, resgatar o tempo que há em nós e que também somos. Inventariar à margem da realidade um outro tempo, paralelo ao tempo”¹⁰.

A problematização da relação do sujeito com o tempo vai ganhando ao longo dos anos um destaque cada vez maior nos diários de Duarte Mathias. No *Diário de Paris*, como acertadamente o assinalou Paula Morão, a tematização do tempo e da maneira como o sujeito enfrenta a sua passagem não só se afirma como linha condutora do volume, senão que estabelece nexos de construção com os anteriores (ver Morão, 2006: I). Já desde *O Devagar Depressa dos Tempos*, o tempo é concebido como “o grande cúmplice e o grande inimigo de quem escreve diários. Cúmplice porque dele e só dele se alimenta *ad infinitum* o muito ou o pouco que se vai deixando. Mas inimigo também porque é contra ele que se escreve, é sempre contra ele afinal que se vive.”¹¹ Polarizando sentidos e interpretações, em fragmentos reflexivos notavelmente desenvolvidos ou concentrados em frases de concisão aforística, o tempo é definido sempre em relação ao sujeito que o vive com a consciência às vezes sôfrega, às vezes lúcida da sua ameaçante finitude. Vive-o como duração e continuidade dos dias, como envelhecimento, como ventura do regresso, como irredutível proximidade de um futuro que apavora¹²,

⁹ MATHIAS, Marcello Duarte, *Diário da Índia*, Alges, Gótica 2004, p. 416.

¹⁰ MATHIAS, Marcello Duarte, „O diário íntimo ou a procura da identidade“, *Jornal de Letras*, 23.04.91, p. 16.

¹¹ MATHIAS, Marcello Duarte, *No Devagar Depressa dos Tempos, Notas de Um Diário (1962–1969)*, Lisboa, Bertrand 1980, p. 27.

¹² Ver MATHIAS, Marcello Duarte, *No Devagar Depressa dos Tempos, Notas de Um Diário (1962–1969)*, Lisboa, Bertrand 1980, p. 38.

como “horas que desfazendo-se me desfazem”¹³, como “espera aparentemente sem sentido”¹⁴ e, finalmente, como espessura e distância, perspectiva e também ausência¹⁵.

Diário de Paris reafirma a percepção angustiada do tempo e a consciência do seu fluxo fatal que marcam indelevelmente o dia-a-dia do sujeito, sobretudo na perspectiva da grave doença que lhe é diagnosticada: “Inapreensível por definição, o tempo não existe. Mas convive connosco, minuto a minuto, e acompanha-nos até ao fim. Se a eternidade é a dimensão do tempo, a nossa é a morte.”¹⁶ Quase no final do livro encontramos a síntese da multiplicidade e da relatividade do tempo, visível na exagerada extensão do vocábulo composto que contém as várias dimensões paradoxalmente excludentes e complementares do tempo, submetido aqui à lógica da relativização: “O tempo-recente-já-remoto-antigo-desde-ontem-sempre-outrora”¹⁷.

Os diários de Duarte Mathias privilegiam também a circunscrição espacial do indivíduo, embora numa escala inferior em relação ao significado que atribuem à sua inscrição no tempo. A demarcação do espaço, patente na maior parte das entradas diarísticas, corresponde a algumas linhas de significação evidentes que aqui procuraremos distinguir. O espaço referido, seja ele o de Paris, Estoril, Lisboa, Cascais, Nova Delhi, Goa, Nova York ou Calcutá, vincula o sujeito ao mundo, acentuando a sua existência física, marcando os contornos geográficos do seu testemunho. É como se o espaço acrescentasse mais volume ao tempo, como se o materializasse, pois ao incorporar a referência à espacialidade, objectivada na presença do topónimo, o sujeito que escreve redimensiona a sua experiência, dotando-a de uma sólida correspondência interna entre o pensado e o efectivamente vivido, entre o observado e o entranhavelmente sentido.

A referência ao espaço por um lado contextualiza espacialmente, e daí objectivamente, o tempo, sentido como subjectivo. Por outro, sendo uma referência a lugares tão diferentes e distantes, justifica a filosofia existencial do diarista, que ao confessar que “regressa sempre aos mesmos sítios pelas mesmas razões”, se assume como “peregrino, mais do que viajante”¹⁸. Assim, a experiência registada nos três diários é a de um cosmopolita em constante viagem e a tomar nota de ópticas culturais diferentes, embora se afirme estar sempre ancorado num espaço intelectual genuinamente europeu (seja referido de passagem que tal espaço para Mathias não é de nenhuma maneira o espaço comunitário actual, mas o de uma Europa antiga, nacionalista e tradicional). Condicionada como é por essa multiplicidade transgressora da unidade de espaço que as diferentes entradas do-

¹³ Ibidem, p. 76.

¹⁴ Ibidem, p. 81.

¹⁵ Ibidem, p. 150.

¹⁶ MATHIAS, Marcello Duarte, *Diário de Paris (2001–2003)*, Lisboa, Oceanos – Asa Editores 2006, p. 39.

¹⁷ Ibidem, p. 369.

¹⁸ Ibidem, p. 131.

cumentam, a sua visão do mundo goza de uma abertura excepcional, não se enquadrando nos limites fechados dum espaço nacional, mas também estando o suficientemente ligada a ele. Portugal é uma realidade sempre presente, seja através da dimensão lírica de que é dotada a sua paisagem, seja pela evocação da sua autenticidade e das suas vitórias espirituais ao longo da história, seja pela aguçada e sensível observação crítica da realidade portuguesa que faz deste “diplomata estrangeirado” do século XX”, como lhe chamou Clara Rocha (1992: 265), um notável analista dos processos políticos, sociais e culturais do seu momento.

Saliente-se ainda que o espaço referido pela notação do local da escrita frequentemente deixa de ser apenas um espaço de referência, para se identificar com um espaço que chamariamos de fundamentação da personalidade. O espaço que mais nos parece corresponder à necessidade de definição identitária do sujeito é Paris, embora haja nos três textos diarísticos indicações suficientes para afirmar que tanto Estoril, como Cascais e até Abuxarda, que é o destino final do diarista, participam desse espaço íntimo em que o indivíduo se reencontra com as suas origens. Ultrapassando a referência ao que circunda externamente o diarista e ao que define o seu percurso apenas espacial, esse espaço de fundamentação identitária institui-se como um elo de primeira importância no itinerário intelectual e emocional do sujeito, composto por idas e vindas, encontros e desencontros, distanciamentos e retornos, a expressarem todos eles as suas mais íntimas pulsões existenciais.

Sujeito flutuante entre espaços e tempos, o diarista, mas a realizar um esforço cisfíco de se ancorar neles, porque ancorar-se no tempo e no espaço é ancorar-se na vida. E se há textos que ambicionem desenfreadamente a vitalidade, por mais desenganados e cépticos que nos pareçam às vezes, são estes diários de Marcello Duarte Mathias.

Bibliografia

- DOLFI, Anna, „Premessa“, *Journal intime e letteratura moderna (a cura di Anna Dolfi). Atti di seminario – Trento, 1988*, Roma, Bulzoni 1989.
- DIDIER, Béatrice, *Le journal intime*, Paris, PUF 1991.
- MATHIAS, Marcello Duarte, *No Devagar Depressa dos Tempos. Notas de um diário (1962–1969)*, Lisboa, Bertrand 1980.
- MATHIAS, Marcello Duarte, „O diário íntimo ou a procura de identidade“, *Jornal de Letras*, 23.04.1991, pp. 16–17.
- MATHIAS, Marcello Duarte, „Autobiografias e diários“, *Colóquio/Letras*, nº 143/144, Janeiro-Junho de 1997, pp. 41–62.
- MATHIAS, Marcello Duarte, *Diário da Índia (1993–1997)*, Alges, Gótica 2004.
- MATHIAS, Marcello Duarte, „A chave e a porta“, *Jornal de Letras*, 20 de Julho – 2 de Agosto de 2005, p.44.
- MATHIAS, Marcello Duarte, *Diário de Paris (2001–2003)*, Lisboa, Oceanos – Asa Editores 2006.
- MORÃO, Paula, „Prefácio“, MATHIAS, Marcello Duarte, *Diário de Paris (2001–2003)*, Lisboa, Oceanos – Asa Editores 2006, pp. I-IX.

ROCHA, Clara, *Máscaras de Narciso. Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*, Coimbra, Almedina 1992.

ROUSSET, Jean, *Le lecteur intime. De Balzac au journal*, Paris, José Corti 1986.

Abstract and keywords

The paper is focused on constructing and debating space and time in the three diaries of the Portuguese writer Marcello Duarte Mathias (1938): *No devagar depressa dos tempos. Notas de um diário 1962–1969* (1980), *Diário da Índia 1993–1997* (2004) e *Diário de Paris 2001–2003* (2006). Taking into account the simultaneous existence within the diaries of a subjective and introspective discourse, as well as the existence of micro-sequences to procure the progress of the diary as a narrative, the authors stress, on the one hand, on the way in which the space of the Self in the text, and the inscription of the diarist and its writing in time, on the other. The paper also discusses the debate on temporality and spacial determination of the individual, which the diary implements in a very demanding way in its strife to register the transition of the diarist through the world and through time.

Marcello Duarte Mathias, diary, time and space in the diary, autobiographics

